

PANORAMA DO MERCADO FORMAL DE TRABALHO PARA AS ENFERMEIRAS NO BRASIL: HÁ SATURAÇÃO?

Cristina Maria Meira de Melo¹, Tatiane Araújo dos Santos², Handerson Silva Santos³, Juliana Alves Leite Leal⁴, Bárbara dos Santos Gomes⁵

O mercado de trabalho pode ser entendido como um lugar e uma rede de relações e de intercâmbios entre os próprios trabalhadores e entre estes e seus empregadores, com a finalidade da compra e venda da força de trabalho, buscando equilíbrio entre a demanda e a oferta desta, em troca de um preço determinado, o salário. Estudos realizados em 2009 demonstram que o mercado de trabalho em saúde empregou 4,3% da população ocupada no Brasil, o que representou 3,9 milhões de postos de trabalho, sendo 2,6 milhões de vínculos formais, 690 mil de vínculos informais e 611 mil profissionais autônomos. Um atributo do mercado de trabalho em saúde é a regulação do número de profissionais pelas corporações desde antes do seu ingresso no mercado, na tentativa de equilibrar a oferta da mão-de-obra. No que se refere à categoria das enfermeiras, não existe, por parte da corporação, a regulação da entrada das profissionais no mercado, argumento sustentado pelo aumento do número de escolas, que entre 1991 e 2007, passam de 106 instituições para 635. Discute-se o panorama do mercado formal de trabalho das enfermeiras no Brasil entre os anos de 2005 e 2010. É uma análise quantitativa sobre dados secundários disponíveis no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados e da Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego. Para a caracterização do mercado de trabalho, os dados sobre salário e movimentação dos vínculos foram captados através do Observatório de Recursos Humanos em Saúde/Estação de Pesquisa de Sinais de Mercado (EPSM), que permite acesso livre às suas bases de pesquisa via internet. Os dados sobre jornada de trabalho foram captados diretamente na RAIS e são referentes até o ano de 2010. O foco da análise é a movimentação das trabalhadoras no mercado, a jornada e sua intensidade, e a variação do salário no período. Os limites para a análise a partir dos dados da RAIS e CAGED é que estas bases captam apenas informações restritas aos vínculos formais, excluindo todas as trabalhadoras com vínculos considerados informais, que se constitui num número significativo de postos de trabalho. O resultado da análise dos dados indica um balanço positivo, registrando-se o aumento do salário e do preço da hora trabalhada. No entanto, os dados indicam o aumento da duração da jornada de trabalho semanal e queda do índice salarial e no número de enfermeiras

¹ Enfermeira. Doutora em Saúde Pública. Professora Associada da Escola de Enfermagem da UFBA. Líder do grupo de pesquisa GERIR/EEUFBA. E-mail: cmmelo@uol.com.br.

² Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora do Curso de Enfermagem da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública.

³ Enfermeiro. Mestre em Enfermagem.

⁴ Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da UFBA. Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana.

⁵ Graduanda em Enfermagem do 6º semestre. Bolsista de iniciação científica PIBIC/UFBA.

admitidas. Observa-se também no período o aumento de 71,26% no número de vínculos das enfermeiras, destacando-se o setor público como o principal empregador. O maior aumento percentual de vínculos está nos anos de 2008 e 2009, onde há um incremento de 13%. Isso indica que o mercado formal segue em expansão, não existindo registros de saturação absoluta do número de enfermeiras empregadas. É importante ressaltar que como o número de vínculos é maior no setor público, o crescimento registrado pode estar relacionado ao aumento do número de concursos públicos municipais, como forma de diminuir os vínculos precários de trabalho na Estratégia Saúde da Família, dado que foram os municípios os principais empregadores entre 1992 e 2005. Ao se analisar somente a movimentação dos vínculos com base na CLT, registra-se um saldo positivo de 24,84% no período, ou seja, a absorção de profissionais pelo mercado de trabalho foi maior do que as demissões. Embora o saldo seja positivo para o período analisado, nota-se que entre 2009 e 2010 houve um decréscimo de 15,98% do número de admitidas. Constatou-se que na compra da força de trabalho das enfermeiras predomina a competição entre as trabalhadoras e não entre os empregadores, dado que estas trabalhadoras não se contrapõem aos preços ofertados pela sua força de trabalho, seja no setor privado ou público. A tendência é de crescimento dessa competição, considerando a previsão para o ano de 2030, quando existirá no Brasil o exército de reserva para as enfermeiras, pois o número de profissionais disponíveis ultrapassará o de vagas existentes no mercado. Também há que se considerar que auxiliares e técnicas de enfermagem competem com as enfermeiras, dado que na prática estas trabalhadoras exercem atividades que não são a elas atribuídas pela lei do exercício profissional. Além disso, todos estes fatores contribuem para a queda do preço pago pelo trabalho da enfermeira, com destaque para o crescimento de egressas dos cursos de graduação em mais de 795% entre 2000 e 2010. Mesmo que o mercado de trabalho formal não demonstre sinais de saturação em 2010, sabe-se que os fatores identificados contribuem para a tendência de saturação do mercado em curto prazo. Faz-se necessário a análise dos vínculos não formais de trabalho no campo da enfermagem para uma visão abrangente do mercado, dado que estes vínculos são crescentes. Para não se submeter às regras do mercado de trabalho as estratégias de enfrentamento encontra-se no âmbito político, o que significa que as enfermeiras precisam organizar-se como trabalhadoras e empreender lutas de forma a reduzir a depreciação da sua força de trabalho pelos empregadores. Ao mesmo tempo a análise aponta para um fato que agrava a possibilidade de organização política das enfermeiras, pois estas concorrem mais entre si como trabalhadoras do que contra seus empregadores. Este fato indica que é preciso analisar com profundidade o trabalho das enfermeiras e disseminar os resultados de tais análises, de modo a subsidiar a compreensão e a ação política neste campo profissional.

Descritores: mercado de trabalho, enfermeiras

Área temática: 9. Produção Social e Trabalho em Saúde e Enfermagem

Freitas GF, Fugulin FMT, Fernandes MFP. A regulação das relações de trabalho e o gerenciamento de recursos humanos em enfermagem. Rev Esc Enferm USP. 2006;40(3):434-38.

Gorz A. Metamorfoses do trabalho: crítica da razão econômica. 2. ed. São Paulo: Annablume; 2007.

Machado MH, Oliveira ES, Moyses NMN. Tendências do mercado de trabalho em saúde no Brasil. In: Perantoni CR, Dal Poz MR, França T. O trabalho em saúde: abordagens quantitativas e qualitativas. Rio de Janeiro: CEPESC: IMS/UERJ: ObservaRH, 2011. p.103-116.

Santos TA. O valor da força de trabalho da enfermeira [dissertação de mestrado]. Salvador (BA): Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia; 2012. 113p.

Varela TC. Mercado de trabalho do enfermeiro no Brasil: configuração do emprego e tendência no campo do trabalho [tese]. Rio de Janeiro (RJ): Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro; 2006.